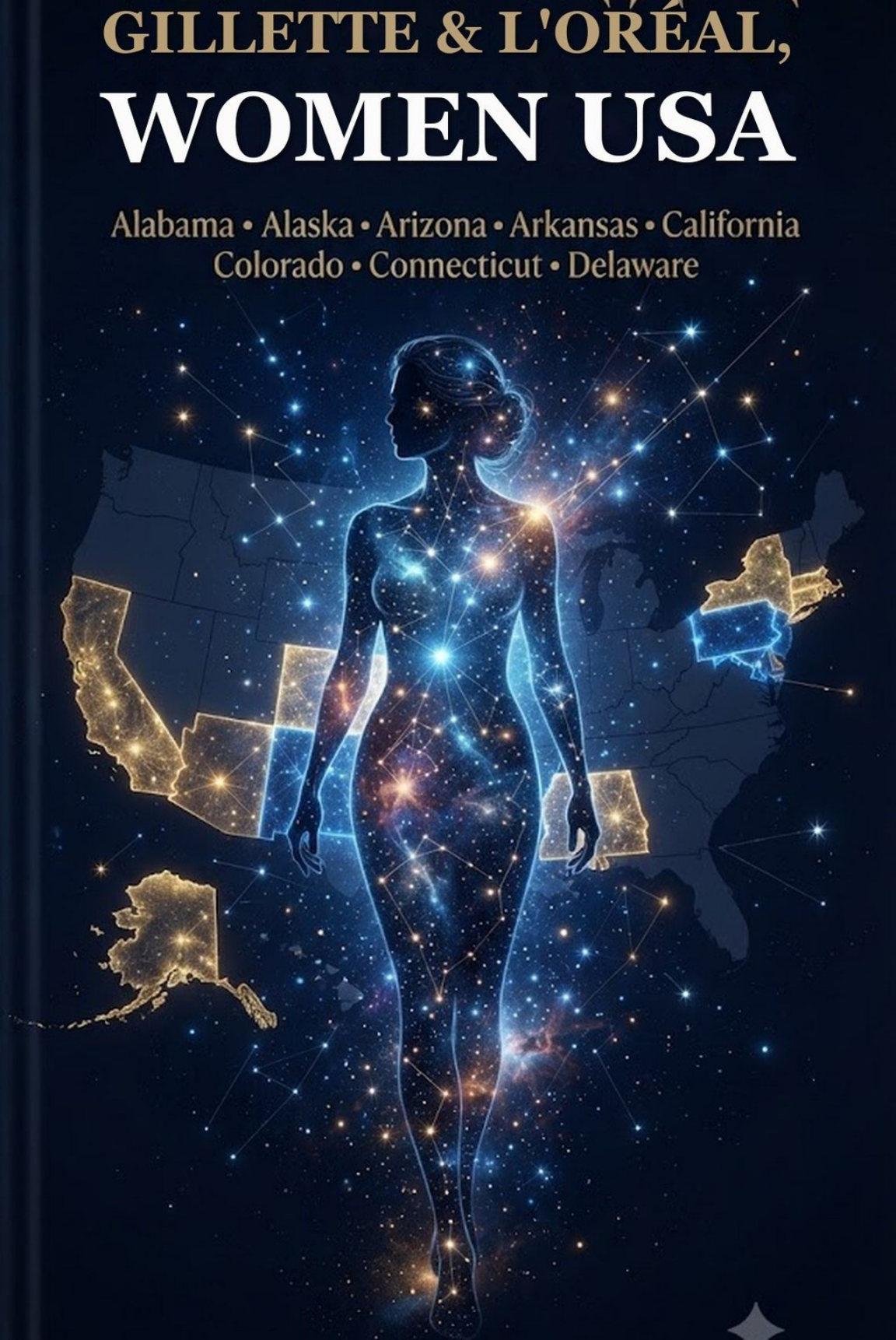
GILLETTE & L'ORÉAL,

# WOMEN USA

Alabama • Alaska • Arizona • Arkansas • California
Colorado • Connecticut • Delaware



# GILLETTE & L'ORÉAL, WOMEN USA — VOL. I

*L'ORÉAL THROUGH GILLETTE · 00*

*A primeira etapa da travessia americana: Alaska, Arizona, Arkansas, Califórnia, Colorado, Connecticut, Delaware. Abre com o Capítulo Zero, o prólogo ártico comum aos seis volumes da série.*

### *Capítulo Zero — abertura comum*

*Este capítulo de abertura é comum aos seis volumes de Mulheres dos Estados Unidos. Está reproduzido aqui na íntegra, e recolhido para que a série possa ser lida em sequência sem repetições.*

## CAPÍTULO ZERO

Aqui, o mundo não é um território: é um limite. O Polo Norte não acolhe, não perdoa, não deixa margem para o erro. O branco reina como uma entidade absoluta, silenciosa e sem memória. A temperatura não é um dado meteorológico: é um predador. A noite dura meses, esmaga os pensamentos, distorce os contornos das pessoas, engole a vontade delas.

As comunidades são poucas, pequenas e fechadas. Inuítes, yupiks, povos árticos vivem onde ninguém escolheria ficar. Aqui, cada indivíduo é essencial para a sobrevivência do grupo. Se você não é útil, vira um fardo. E quem vira fardo desaparece no silêncio, na neve, na lógica de um ambiente que não faz concessões.

As bases científicas acrescentam outro tipo de frio: o das hierarquias. Aqui, uma mulher é uma presença rara, uma anomalia que precisa se adaptar ou sucumbir.

Neste lugar, o conceito de “desaparecimento” não existe. Existe só o branco que apaga tudo.

### *Mulheres inuítes e yupiks*

A menina ártica não é mimada: é preparada. Aprende cedo a resistir ao frio, à escuridão e à fome. Precisa se tornar útil para o clã, porque aqui a identidade não é pessoal. É funcional. A mulher carrega o peso da família e da comunidade: comida, fogo, filhos, peles, cuidados. Ninguém fala de direitos. Ninguém fala de fragilidade. A depressão existe, mas não tem nome. A violência existe, mas não tem testemunhas.

### *A mulher das bases científicas*

Instruída, competente, acostumada à disciplina. Chega como pesquisadora, técnica e médica. Descobre logo que o Polo Norte não reconhece diplomas. Aqui, só conta a dureza mental. As hierarquias masculinas a dominam, e qualquer sinal de fraqueza é interpretado como fraqueza. É um ambiente onde a força não basta: exige-se um autocontrole extremo.

### *A mulher ocidental “de fora”*

Criada em liberdade, chega achando que pode vencer o frio. Mas o lugar a quebra: solidão, espaços minúsculos, silêncios sem fim. As bases não são comunidades, são mecanismos. E uma mulher, dentro de um mecanismo projetado por homens, precisa lutar para não desaparecer.

## *A viagem até o fim do mundo*

Meu vizinho, Antonio, conhecido como Nino, falava havia anos do Cabo Norte, do sol da meia-noite, dos meses sem escuridão. Era um sonho que ele guardava no bolso, como uma coisa impossível. Numa manhã de maio, toquei a campainha dele e disse só isto: "Faça a mala. Volto daqui a uma hora. Estaremos de volta em 30 dias." Ele me olhou, surpreso, feliz. A mulher dele, preocupada, perguntou quais eram os nossos planos. "Correr atrás de um sonho", respondi.

Entramos no carro. Nossas mulheres nos olhavam como se fôssemos loucos. Mas esta viagem era real. Nino já estava cheio de perguntas. "Para onde vamos? Quanto dinheiro devo levar?" "Relaxe", eu lhe disse. "Chegamos em 54 horas. Só 5.000 km. Estamos no Range Rover novo. Aproveite a viagem."

A cada 300 km eu tinha que parar: ele, doze anos mais velho que eu, tinha o seu próprio ritmo. Eu tinha água e líquidos; ele tinha café e necessidades físicas. E quanto mais avançávamos, mais ele falava da sua vida. Coisas que eu nunca teria sabido se não fosse aquela estrada sem fim.

Dois homens sozinhos num carro falando sempre de mulheres. Ele só tinha conhecido a esposa. Eu ri. Eu o tranquilizei: "Nós somos do mesmo jeito."

Ele me perguntou como eu conseguia continuar lúcido dirigindo 60 horas. Contei a ele sobre a Rússia, quando aos 22 anos dirigi 51 horas para encontrar uma mulher que eu nunca tinha visto. "As distâncias não são limites", eu lhe disse, "são desculpas. Eu nunca tive nenhuma."

### *A chegada ao branco*

Entramos na Noruega. Um albergue na estrada. Deixaríamos o carro ali e seguiríamos de trenó.

A guia estava toda coberta, impenetrável. Quando tirou os óculos, descobri que era uma mulher. Uma norueguesa, calada, direta, glacial. Nino no meio do trenó, ela na frente, eu com meus 190 cm atrás, fechando a fila.

Ainda era dia. O relógio marcava a hora, mas não me dizia se era noite ou manhã. Era o sol da meia-noite. Tínhamos chegado ao Cabo Norte.

Nino chorou. Me abraçou. Eu lhe disse, rindo: “Cuidado… o pessoal pode achar que somos gays.” Rimos, mas estávamos no fim do mundo.

Depois veio o gelo: –52 °C.

### *A entrada no verdadeiro Ártico*

Nos levaram a um contêiner de metal para trocar de roupa. Macacões pesadíssimos, acolchoados, fechados com zíperes complicados.

Paguei pela guia. Nino ficou num iglu com alguns homens; eu fiquei em outro com uma família: um velho, entre 70 e 80 anos, e três mulheres entre 30 e 50.

Era um mundo fechado. Simples. Brutal.

O homem ficava de lado. As mulheres davam o ritmo. E o banheiro era um morrinho a cinco metros do iglu: o cocô congelava antes de tocar o chão. Meu primeiro xixi virou uma estrela ártica amarela. Era o Norte me cumprimentando.

A mulher de meia-idade, Magi, falava um pouco de inglês. O resto eram gestos, olhos, mãos. A língua do frio.

Quando eu não sabia direito como usar o macacão, ela, sem pensar, tocou minha virilha para me mostrar um zíper escondido. Não havia malícia, nem constrangimento: só função. Sobrevivência.

### *Os três dias no iglu*

Trouxeram comida. Peixe defumado, peixe cru, fígado de bacalhau, barriga de baleia. E bolinhas de tubarão. Não havia escolha. Não havia alternativa. Era o que a natureza oferece.

Depois bebi: um líquido vermelho. Achei que era vinho. Era sangue de baleia filtrado, fervido, adoçado. Bebi. Me deu uma força que eu nunca tinha sentido. Uma energia primordial. Achei que era cocaína. Não. Era o Norte entrando no corpo.

As mulheres me observavam. O velho saía para caçar. Eu descansava e bebia sangue. Três dias sem telefone, internet, computador, sem Nino. Só eu e elas.

Não havia noite. Só luz, fogo, gelo e respiração.

As três mulheres se deitaram para dormir. Procurei um lugar. A mais nova levantou o braço e me fez sinal para chegar mais perto. Elas caíram na risada. Eu não entendi. Disseram que eu era o "Natal" delas.

Um jeito de dizer que eu tinha sido aceito.

Tentei dar a elas algum dinheiro para agradecer. Recusaram. Só queriam um abraço. E algumas palavras em calabrês para se sentirem mais perto.

Ali entendi o valor dos verdadeiros presentes: os que não se compram nem se vendem.

### *A despedida da guia*

Depois de três dias, a guia chegou. Falou com as três mulheres durante uma hora. Eu estava lá fora. Não entendia o que diziam. Não era da minha conta. Era a língua delas, o mundo delas, a lei delas.

No contêiner, enquanto eu me despia, a guia entrou. Curiosa. Direta. Nórdica. Me abraçou com força. Me beijou. A pele dela era branca como leite. Os olhos, azuis como o céu de agosto.

Ela me pediu que a levasse embora. Teria feito qualquer coisa para sair daquele mundo.

Sorri com respeito. Eu não podia. Não devia.

Deixei a ela só uma promessa: “Se precisar de alguma coisa, me escreva uma carta. Eu ajudo você.” Ela recusou até o dinheiro. Era uma mulher linda, mas sozinha. Uma solidão que não se vê de longe. Uma solidão que o frio não perdoa.

### *A volta para casa*

Fomos buscar Nino. Ele estava radiante. Não queria voltar. Mas eu tinha um compromisso com a mulher dele.

Ele contou a todo mundo os seus três dias. Eu fiquei calado. Nunca compartilhei nada com o homem. Só com o papel.

E assim, enquanto Nino voltava para o seu mundo, eu já estava a caminho de outro. Outro destino. Outro encontro.

Bem-vindo.

Epílogo

## *O Norte não leva você: ele transforma você. E nunca*

devolve você inteiro. Os homens vão ao Polo Norte em busca de luz, de silêncio, de fotografias, de sonhos. As mulheres ficam para sobreviver.

Os homens contam o que viram. As mulheres calam o que viveram.

Os homens voltam. As mulheres ficam. Ficam no frio, nas casas de neve, em silêncios que ninguém ouve. Ficam para sustentar comunidades que não as celebram. Ficam para proteger crianças, velhos, estranhos. Ficam invisíveis.

Trouxe de lá uma única lembrança: uma mulher linda, incrivelmente linda, mas sozinha. Não no sentido romântico. No sentido humano. No sentido trágico.

## *Reflexão*

O Norte não mata o corpo. Mata a presença. E o que resta é o branco: um lugar onde as mulheres vivem e desaparecem ao mesmo tempo.

É por isso que escrevo. Porque os lugares extremos não contam a própria história. E quem os atravessa não pode se dar ao luxo de ficar calado.

Eu não. Eu não. Minha terra me deu à luz, e o resto do mundo me acolhe não como hóspede, mas como alguém da família.

Do branco absoluto do Norte, desci para a confusão absoluta dos Estados Unidos.

## ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

### *A missão impossível*

Trabalhar dezoito anos para uma empresa americana dá a você algo que nenhuma outra empresa no mundo consegue dar: uma cultura de trabalho, procedimentos, uma missão clara e um sistema de valores que não são teoria — são prática diária. Eles não explicam esses valores a você; eles os constroem em você. E fazem isso sem pedir a sua permissão.

Eu estava no escritório de Nova York quando me ofereceram um trabalho que eu nunca tinha imaginado. Não uma promoção. Não uma transferência. Um experimento.

Um programa confidencial, criado para validar um modelo de relações humanas dentro dos Estados Unidos. Não tinham escolhido gerentes, psicólogos nem instrutores. Tinham escolhido pessoas com um certo tipo de experiência real. E o meu nome apareceu — mesmo eu estando em vendas havia dezoito anos. Eles não olhavam o cargo: olhavam a mente.

O teste era simples de explicar e dificílimo de cumprir:

visitar os 50 estados americanos em um ano, escolhendo eu mesmo as cidades e ficando pelo menos uma semana em cada uma.

As duas últimas semanas seriam férias obrigatórias. Eles cobririam todas as despesas. Eu só tinha que viver, observar, entender e entregar um relatório toda segunda-feira. Um relato humano, seco, preciso.

Assinei o contrato. Avisei em casa. Não perguntaram nada. Só queriam saber se as provisões do mês tinham chegado. Eu estava

prestes a enfrentar um ano na América. Elas, como sempre, estavam enfrentando o mês seguinte.

Por precaução, o meu salário era depositado direto na minha conta bancária na Itália. Era um jeito educado de me dizer: “Não faça besteira. Viva com o que você tem. Vamos ver quem você é de verdade.”

Só quinze anos depois tive acesso aos meus relatórios originais, às análises e ao material que tinham reunido sobre mim. Este livro nasceu daí. Obtive a autorização para publicá-lo, com uma condição: nunca dizer o nome da empresa que o encomendou.

Não importa. Esta história não é sobre logotipos. É sobre um homem num país impossível de entender a menos que você o viva na própria pele.

### *Começo pelo ponto mais distante?*

A escolha lógica era começar pelas margens, não pelo centro. Por dois motivos simples:

1. Eu tinha acabado de sair do experimento: lucidez alta, atenção máxima.

2. Começando pelo extremo, eu podia corrigir a rota e terminar a viagem de forma limpa.

Eu não precisava começar por Boston ou Chicago. Precisava começar por uma fronteira. Por um lugar que só era América no papel.

Escolhi Juneau, a capital do Alaska. Isolada. Alcançável só de barco ou de avião. Uma cidade que não pertence a ninguém. O lugar perfeito para começar.

### *Otimizar os recursos*

Antes de partir, fiz aquilo que um americano respeita acima de tudo: me organizei como um profissional, não como um turista.

Liguei para três das companhias aéreas mais populares, as que têm as maiores redes domésticas. Em menos de uma hora, comprei um carnê de cinquenta voos domésticos com 60% de desconto.

Sem limite de tempo. Sem limite de dias. Sem restrições. Só uma condição: usá-los dentro de um ano.

Fiz o mesmo com as redes de hotéis, o Uber e as locadoras de carros, e depois preparei um cronograma de verdade das etapas, dos meios, mas não dos horários.

Eu estava pronto.

Foi o meu primeiro sucesso de verdade. O primeiro sinal de que eu sabia me mover. A América recompensa quem age, não quem espera.

Quando a empresa viu a transação, fez o que a cultura americana sempre faz: verificou a confiabilidade.

Eu era capaz de administrar um ano de deslocamentos constantes? Era capaz de lidar com imprevistos, distâncias e emergências? Era independente?

Por isso, antes de partir, acertei outro detalhe crucial:

Garanti um limite mensal de pelo menos 100.000 dólares no meu cartão de crédito.

Não era para ser gasto. Era para demonstrar que eu sabia administrá-lo. Os americanos pensam assim: se você não tem

autonomia, não tem liberdade. E se não tem liberdade, não pode ser avaliado.

A partir daquele momento, o programa deixou de ser uma tarefa. Virou uma missão.

## E AGORA VIAJAMOS DE VERDADE

O Alaska faz parte dos Estados Unidos só pela geografia. É outro mundo.

É o lugar onde as mulheres desaparecem sem deixar rastro. Onde uma denúncia nunca chega ao destino. Onde as cidades são apenas ilhas civilizadas no meio de um continente selvagem.

Juneau foi o meu primeiro teste: uma capital sem estradas que a liguem ao resto do país. Um pedaço da América que não parece América.

Aqui comecei a entender uma coisa: a viagem não seria geográfica. Seria humana.

### *BLOCO 1 (Volume I)*

Alabama – Alaska – Arizona – Arkansas – Califórnia – Colorado – Connecticut – Delaware – Flórida – Geórgia

### *BLOCO 2 (Volume II)*

Havaí – Idaho – Illinois – Indiana – Iowa – Kansas – Kentucky – Louisiana – Maine – Maryland

### *BLOCO 3 (Volume III)*

Massachusetts – Michigan – Minnesota – Mississippi – Missouri – Montana – Nebraska – Nevada – New Hampshire – Nova Jersey – Novo México

### *BLOCO 4 (Volume IV)*

Nova York – Washington

### *BLOCO 5 (Volume V)*

Carolina do Norte – Dakota do Norte – Ohio – Oklahoma – Oregon – Pensilvânia – Rhode Island – Carolina do Sul

### *BLOCO 6 (Volume VI)*

Dakota do Sul – Tennessee – Texas – Utah – Vermont – Virgínia – Virgínia Ocidental – Wisconsin – Wyoming ALABAMA O Alabama não é só o Sul dos Estados Unidos. É um pedaço de história que nunca esfria. Aqui, a escravidão não é um capítulo: é uma sombra. A segregação não é uma lembrança: é uma cicatriz. A fé não é consolo: é controle. Neste estado, tudo pesa. O calor pesa. A família pesa. A tradição pesa mais que tudo. A religião aperta como um cinto em volta da garganta. As comunidades observam, julgam, lembram. Nada é esquecido de verdade. Nada é perdoado de verdade. E no meio de tudo isso, há as mulheres. Mulheres que tocam casas inteiras sem serem nomeadas. Mulheres que trabalham em três turnos e acordam de madrugada para aprontar os filhos. Mulheres que rezam na igreja no domingo e tremem em silêncio na segunda. Mulheres cujos maridos estão esgotados pelo trabalho ou cujos homens não fazem nada. Mulheres que se tornam mães, filhas, avós e pilares da vida, tudo no mesmo dia.

A vida das mulheres do Alabama é um pêndulo constante:

– há as que saem de casa cedo para casar, fugir, crescer depressa demais

– há as que voltam por causa de um divórcio, de um emprego perdido, de uma violência silenciada

São mulheres forjadas. Não frágeis. Não rebeldes. Não vítimas.

Forjadas.

A resistência delas é silenciosa, mas absoluta. É a força de quem não pode desmoronar porque ninguém a levantaria.

### *A garçonete do diner*

Cheirava a café e fritura. E logo me lembrei de uma regra que vale em toda parte: quanto mais pobre um lugar parece, melhor é a comida. Aprendi essas verdades na estrada. E nunca me enganaram.

### *O nome dela era Carol.*

Loira — natural, talvez não —, mãos estragadas, sorriso rápido, olhos apagados. Servia todo mundo com a mesma graça cansada. E ninguém olhava para ela de verdade.

Eu olho. Quando vejo um anjo trabalhando, não consigo deixar de cumprimentá-lo e de lhe dar um sorriso. É o mínimo que posso fazer. Ela me levou até a mesa. “O que o senhor quer comer?”, perguntou. Se estivéssemos na Itália, eu teria dito a minha verdade. Tentei mesmo assim:

### *“Quero você.”*

Ela me olhou sem expressão. Ou fingindo não entender — como certos nativos que, quando entendem tudo, dizem que não entenderam nada. Repetir era inútil. Então pedi:

Cachorro-quente. Cerveja. E um café americano preto, com sobremesa.

Eu tinha despertado a curiosidade dela. Dava para ver pelos movimentos. Ela voltou depois de alguns minutos: “Meu turno

acaba em dez minutos... posso me sentar?"

Concordei.

Ela se sentou com as costas curvadas, como quem nunca descansa. Me olhou nos olhos e disse, sem drama:

"Sou obrigada a fazer este trabalho. Meu marido morreu no Iraque. Não tenho filhos, nem parentes. E a rua... não é trabalho para mim."

Não respondi. Às vezes a palavra é um insulto. Peguei a mão dela. Um aperto firme. Um gesto seco, limpo.

***E na palma da mão dela deixei cem dólares.***

Levantei. Saí. Sem olhar para trás. Mas pelo vidro eu a vi. Ela tinha se levantado num pulo, como surpresa, como ferida, como grata. Balbuciava alguma coisa que não chegava até mim.

E foi ali que entendi a verdade sobre a vida de Carol:

Ela nunca se senta.

### *A cantora gospel*

Era um domingo como outro qualquer. Senti a necessidade de tocar o meu lado espiritual, e no Alabama isso quer dizer ir à igreja. Lá, a fé não é religião: é um palco.

O pastor estava terminando o sermão quando entrei pela porta principal, escancarada por causa do calor. Não escolhi uma entrada lateral. Eu queria que a minha chegada fosse notada naquela pequena comunidade.

Ele me viu e disse em voz alta: "Bem-vindo, forasteiro." Respondi: "Bem-vindo você."

Me sentei. O órgão começou a vibrar: um som agudo, familiar, aquele “fantasma americano” que me lembra Aretha Franklin mesmo quando ninguém ali é famoso. E então ela entrou.

A voz dela não cantava: se libertava.

Era afro-americana, não do tipo que passa despercebido, mas do tipo que o destino põe na sua frente uma única vez para lembrar do que um ser humano é capaz quando a vida o esmaga. A voz dela era enorme. A vida dela era pequena. Cantava aos domingos para respirar. Calava a semana inteira para sobreviver.

Quando acabou, as pessoas se levantaram para ir embora, como se nada tivesse acontecido. Eu me aproximei. Ela ficou surpresa: ali ninguém agradecia à cantora gospel. É como agradecer ao ar: todo mundo o dá como certo.

Apertei a mão dela. Dei a ela uma pequena tigela, das reservadas às mulheres nobres. Porque ela tinha tudo, ou quase tudo. Só faltava eu. E por um minuto, eu estive lá.

“Quem é o senhor?”, ela perguntou. Respondi: “Sou um dos anjos que desceram do teto só para você. E graças a você, hoje continuo humano. Nunca mais volto atrás.”

Ela sorriu. Bom sinal. Eu não estava vendendo nada. Não estava procurando nada. Estava absorvendo. Como sempre.

A curiosidade dela estava prestes a explodir numa pergunta, mas eu já seguia para a saída. E então aconteceu.

A voz dela me chamou: “Senhor! Senhor! Forasteiro!” Um grito alto, cheio de ar e de algo que não era dor.

Não me virei. Sei distinguir um grito de socorro de um grito de “por quê”. Aquele era um “por quê”. E não precisava de resposta. A

minha oferta ficou aos pés dela. Era o meu sinal. Ela escreveria sobre o resto da sua vida, que ninguém nunca aplaudiu.

### *A universitária*

Ela vivia entre livros e discriminações sutis. Eu estava sentado do lado de fora do campus, esperando uma ex-colega que tinha se tornado professora ali. O campus estava cheio de jovens correndo, rindo, fingindo não serem observados. Ela não. Ela observava.

Quando a minha ex-colega chegou, me abraçou com força. A estudante viu a cena. Não desviou o olhar. E enquanto eu retribuía o abraço, olhei para ela. Só para ela.

A professora teve que sair correndo para outros compromissos. Me deixou no meio do pátio com um tchau rápido e um ar nostálgico. Fui me sentar na borda da fonte, ao lado da estudante. Ela sorriu. Um daqueles sorrisos que não são um convite nem uma defesa: são a verdade.

“Quais são os seus sonhos?”, perguntei. “Você é jovem, inteligente… e linda pra caramba.”

Ela não corou. Não se envaideceu. Respondeu seca, como quem aprendeu a conviver com a realidade:

### *“Sonho em fugir do Sul.*

Mas o Sul me segue para onde eu vou.”

Assenti. “Sabe de onde eu sou?” Ela balançou a cabeça. “Do Sul da Itália.” Ele ficou um segundo em silêncio. Depois riu. Uma risada curta, daquelas que abrem uma janela para o peso.

Falamos pouco. Mas foi o bastante.

“Nascemos para lutar com a identidade, o passado e as expectativas”, eu lhe disse. “Sempre pedimos aos outros que mudem, mas a verdadeira mudança começa dentro de nós.”

Ele era jovem. Mas o peso que carregava não era. E ele o carregava com dignidade.

Antes de ir embora, eu quis deixar para ela algo que não fosse um discurso nem uma promessa. Só a verdade.

***“Lembre-se, querida:***

o Sul está para o Norte como a mulher está para o homem.”

Ela me olhou. Entendeu. Não era preciso mais nada.

Me levantei. “Tchau. E boa sorte.”

Ela não respondeu. Só sorriu. E aquele sorriso tinha mais futuro que o campus inteiro.

### *A mulher da plantação moderna*

Eu tinha um encontro marcado com o presidente da Câmara de Comércio do estado. Eu já tinha sido conselheiro na Itália, e certas dinâmicas institucionais, assim que você volta a vê-las, saltam à memória. Ele era alto, magro e elegante. Um relógio de ouro. Um perfume sutil de riqueza antiga. Daquela que não se exibe: se veste. Porque os ricos daqui não cheiram a dinheiro. Cheiram a tudo.

Ele tinha orgulho do seu estado. Orgulho demais. Convencido de que a economia do Alabama sustentava a nação inteira, decidiu prová-lo me levando a uma plantação de algodão. Primeiro a terra. Depois o beneficiamento. Depois a indústria agrícola moderna, aquela que tirou as correntes mas deixou os mesmos ritmos.

E foi lá que eu a vi.

O sol queimava as costas dela. Os movimentos eram terrivelmente lentos, precisos, sem uma queixa. Era uma mulher em plena idade adulta, com um rosto que parecia esculpido pelo cansaço. A família nos ombros. A pele marcada. Os olhos duros. O ritmo de quem nunca se permite um erro, nunca.

Perguntei ao presidente se podia falar com os trabalhadores. Eu queria "entender melhor", disse. Uma desculpa. Eu só queria falar com ela.

Me aproximei. Ela se ajoelhou e beijou a minha mão. Um gesto antigo, fora de lugar, fora do tempo. Eu a detive na hora.

"Levante-se", eu lhe disse. "Não sou bispo. Nem papa. Sou só um homem como você."

Ele não respondeu. Mal olhou para mim, como fazem os que não podem se dar ao luxo de olhar de verdade. Fiquei calado por alguns segundos. Depois fui embora. Mas não tinha acabado.

No dia seguinte voltei sozinho. Queria vê-la de novo sem o teatro político ao meu redor.

Esperei os trabalhadores saírem. Quando ela me viu, baixou os olhos. Timidez. Respeito. E uma vontade reprimida de falar.

Eu a detive com um gesto lento, sem impor nada. Ela era o rosto da continuidade escondida do Sul: a labuta antiga que nunca foi apagada. Só mais bem escondida.

Peguei a mão dela. Entreguei a ela uma pequena foto do Padre Pio que sempre carrego comigo. No verso eu tinha escrito:

***“A dor não se esquece quando passa.***

Só se esquece quando você perdoa.”

Não disse mais nada. Não era necessário. Ela assentiu com um pequeno gesto, invisível para os outros. Mas para mim, aquilo era tudo.

## *Epílogo – Alabama*

O Alabama não é um estado: é um julgamento. Um lugar onde o passado não passa e o presente não pede licença. Tudo ainda está escrito em duas linhas: quem fica de pé e quem cai. E quem fica de pé é, sempre, uma mulher.

Vi quatro rostos diferentes, mas a mesma verdade: a garçonete que nunca se senta, a cantora gospel que canta para respirar, a estudante que sonha em fugir de um Sul que a persegue, a trabalhadora das novas plantações, herdeira de uma labuta antiga. Quatro histórias. A mesma raiz. A mesma batalha silenciosa.

No Alabama, a mulher vive dentro de uma fé que protege e castiga, de uma família que sustenta e sufoca, de uma comunidade que observa e julga. E mesmo assim ela resiste. Não cede. Não se quebra. Não se justifica.

Os homens descrevem o seu Sul como motivo de orgulho. As mulheres o vivem como uma prova.

## *Reflexão – Alabama*

A verdade é simples: onde o homem exibe o nome, a mulher governa o mundo.

O Alabama me ensinou que algumas vidas não precisam de voz para gritar. Precisam de alguém que as escute. E eu, mais uma vez,

fiz o que sei fazer: passar, observar, entender e depois ir embora sem incomodar.

Porque o Sul americano, como o Sul global, tem uma regra que vale há séculos: quem vive ali não muda. Muda quem os vê.

Eu vi. E não vou continuar o mesmo.

## ALASCA

O Alasca não é um estado: é uma fronteira viva. Um território do tamanho de um continente, onde o homem é o hóspede e a natureza decide. Há cidades ligadas apenas pelo ar. Vilarejos que veem um médico uma vez por mês. Casas onde a eletricidade é um luxo e a água quente, um privilégio. Aqui, o frio não é clima: é um personagem. Ele molda as pessoas, forma os hábitos, impõe o silêncio. A vida é feita de distâncias impossíveis, trabalho duro, um isolamento que cava fundo e muda o jeito como falamos, amamos e sobrevivemos.

As comunidades nativas carregam séculos de tradições. As mulheres são os pilares: mantêm a casa, criam os filhos e seguram a comunidade. Mas não são a voz. Muitas vezes não têm espaço para contar o que suportam.

Nas cidades — Anchorage, Fairbanks, Juneau —, o mundo anda mais rápido, mas a solidão continua a mesma. As mulheres chegam em busca de trabalho, liberdade, futuro. Muitas acabam engolidas pelos subúrbios, pelos turnos nas empresas de petróleo, por relacionamentos ruins, pelo silêncio das instituições.

No Alasca, quando uma mulher cai, o barulho não chega a lugar nenhum. O frio cobre tudo. E o que desaparece continua desaparecido.

## *A Taxista*

O trajeto do aeroporto até o hotel bastou. Quarenta e cinco minutos numa estrada congelada, e uma viúva de quarenta anos não parou de falar comigo nem por um segundo. No Alasca é sempre assim: as pessoas vivem sozinhas, mas quando encontram alguém que escuta, se abrem como se fosse o último dia.

Eu tinha decidido que, durante toda aquela viagem, seria um escritor. Nenhum cargo, nenhuma empresa, nenhum teste. Fiquei anônimo, porque, para dizer a verdade, nem eu sabia direito o que estava procurando. Só sabia que alguém estava me pagando para entender algo que não estava dizendo. Ela começou com as perguntas de sempre: idade, profissão, se eu era casado, se tinha filhos. Respondi apenas: "Estou noivo."

Ela caiu na gargalhada. E a risada, no Alasca, é o passaporte para a confiança de uma mulher. Naquele momento, eu estava dentro do mundo dela.

Chegamos ao hotel. Ela estacionou e achou uma desculpa para me acompanhar até o quarto com a mala. Entendi logo uma coisa: quando uma mulher quer algo, não pede. Pega.

Foi o primeiro sinal de que eu precisava ter cuidado. Não era arriscado, era respeitoso: uma mulher que dirige sozinha à noite no Alasca não chega aos quarenta se não aprendeu a ler os homens melhor do que ninguém.

Ficamos amigos. Ainda hoje nos escrevemos. Ela pede conselhos e, toda vez, repete a mesma frase:

"Você tem a solução para os problemas de todo mundo, mas não tem problemas seus. Tem oportunidades."

Uma mulher que dirige no frio congelante para sobreviver. E que nunca deixou de entender os outros mais do que os outros jamais a entenderam.

### *A Policial da Fronteira*

Saí para caminhar de manhã. Quando viajo, faço sempre a mesma coisa: deixo os documentos e a carteira no hotel e levo só o cartão do hotel. É um hábito que tenho há anos. Eu estava observando as casas, o frio, o silêncio do Alasca quando, sem aviso, chegaram duas viaturas da polícia. Duas policiais desceram correndo, bloquearam o trânsito, estenderam a fita amarela e isolaram uma área como se tivesse acabado de acontecer um assassinato.

Fiquei ali olhando, mas depois de alguns segundos uma delas me mandou ficar onde estava. Queriam me interrogar como testemunha.

### *Testemunha de quê?*

Eu não tinha visto nada. Era só um homem caminhando.

O "caso" era este: um cachorro tinha morrido sufocado. Alguém lhe dera cachorros-quentes sem água. No Alasca, isso também é crime.

Naquele momento, achei que tinha entrado num set de filmagem. Mas era real. Era o Alasca. E eu estava lá.

Elas me ajudaram a entrar no carro e me levaram de volta ao hotel para pegar os documentos. Uma das duas falava bem francês e começou a me fazer perguntas nessa língua.

O cachorro estava morto. O culpado precisava ser encontrado. Eu estava lá, portanto podia ser interrogado.

Eu disse que amava os animais. Que tinha dois na Itália. E isso, naquela lógica norte-americana inexplicável, bastou para me considerarem “não suspeito”.

A tensão diminuiu. As formalidades evaporaram. E chegou um convite para jantar.

A policial, sem a farda, tinha um fogo que ninguém esperaria no meio do gelo. Esqueça os estereótipos sobre mexicanas ou espanholas: as mulheres do Alasca são quentes por sobrevivência, não por brincadeira.

O jantar foi simples, direto e sem pretensões. Minhas piadas a fizeram rir como não ria havia anos. Aqui, em lugares tão remotos, a risada é uma mercadoria rara.

No fim, nos despedimos sem promessas nem expectativas. Só uma coisa ficou, forte e cortante:

### *O silêncio.*

Aquele que sempre vem depois de cada história no Alasca. E que pesa mais do que o gelo.

### *A Universitária*

Eu tinha perguntado no hotel onde ficava a biblioteca. Para mim, sempre foi um lugar ideal: silêncio dentro, palavras fora. Um lugar onde as pessoas se vestem de calma, para voltar a ser o que eram assim que passam pela porta.

Notei Elga — a secretária — na hora. Usava óculos modernos, de armação vermelha. Um detalhe que, numa mulher do Norte, transmite estilo, caráter e uma sensualidade natural. Eu a convidei para uma pausa para o café. Ela não pensou duas vezes: trancou a biblioteca e saímos.

Chegamos ao ponto de ônibus, mas o nosso tinha saído minutos antes. Uma ligação que nunca completou. Um trem perdido. Uma daquelas pequenas fraturas que viram oportunidades.

Ela não desanimou. Pegou meu braço como se me conhecesse havia anos e me levou para a casa dela. Fez chá inglês, biscoitos, uma acolhida simples, quase infantil. Eu era o italiano que estava ali por acaso; ela, uma jovem universitária em busca de um pedaço de futuro. Naquela sala pequena e arrumada, entendi uma coisa: a gentileza, no Alasca, é um gesto breve. Um ato imediato. Não é formalidade: é necessidade.

Ela procurava um marido. Não disse, mas estava claro em cada movimento. Fiz a única coisa que realmente sei fazer: dei-lhe alguns conselhos. Não era eu quem devia segurar a mão dela. Vim ao mundo para dar, não para tirar. E aquele não era o meu momento.

Três anos depois, recebi um e-mail. Uma foto. Ela, com uma criança no colo. E uma única frase:

***"Dei a ele o seu nome.***

Não por amor. Por respeito."

Num país onde a geada cobre tudo, às vezes basta um pequeno gesto para deixar uma marca que nunca derrete.

## *A Dona de Casa*

Percebi que estava abandonando minha dieta. Comer só uma vez por dia funcionava nas viagens, mas não num lugar como o Alasca, onde o frio consome você sem pedir licença. Decidi deixar o restaurante e ir ao mercado. Era a escolha mais lógica: comer bem e observar melhor os moradores.

Nos supermercados do interior, você entende tudo: como as pessoas se vestem, quanto gastam, como olham para os filhos, como lidam com o cansaço. É a vitrine mais sincera da cidade.

Peguei um pacote de presunto italiano e um pouco de muçarela de búfala — um luxo raro naquele frio congelante — quando um carrinho cheio bateu no meu flanco. Por instinto, pensei que fosse acaso. Mas, pela minha experiência, as mulheres não fazem nada "por acaso". Sempre sabem aonde estão indo.

Ela me olhou e disse: "Presunto e muçarela... você deve ser italiano?" Tinha entendido tudo num segundo: a nacionalidade, o gosto, até a elegância da compra.

***Ela se chamava Rose, cinquenta e seis anos.***

Morava com a filha, o genro e dois netos. Eram a alegria e o fardo dela. O tipo de mulher que mantém uma casa de pé sem que ninguém perceba.

Sugeri um café numa cafeteria ali perto. Ela aceitou sem hesitar. Terminou as compras, guardou tudo no carro e voltou até mim.

Sentada à mesa, começou a falar. Muito. Eu escutei. Não interrompi. Às vezes, a palavra mais forte é o silêncio que você deixa o outro usar.

Em certo momento, sorriu e disse: "Italiano, amor, mamma, pizza, espaguete..." A frase de sempre, feita de estereótipos, mas com uma ternura verdadeira. Eu me perguntei se ela tinha lido algum dos meus livros.

Então ela contou: era escritora. E tinha comprado um texto meu, publicado com pseudônimo. Por sorte, não tinha me reconhecido.

Continuou me falando da vida dela, da casa cheia, dos dias todos iguais, do medo de deixar faltar algo aos netos, do amor que não se consegue expressar porque parece óbvio.

Quando enfim parou, olhou nos meus olhos. Era um daqueles olhares que diziam mais do que mil palavras.

Eu só lhe disse isto: “Amanhã compro o seu livro.” E depois lhe mando a resenha.”

Ela se emocionou. A voz tremeu um pouco: “Obrigada. Você não sabe o quanto me fez bem conhecer você. Que pessoa elegante, educada... Todos os italianos são assim?”

Respondi como sempre respondo: “Olhe as mãos e os pés. É ali que dá para entender de onde uma pessoa realmente vem.”

Rose sorriu. Era o sorriso de uma mulher invisível que, por uma tarde, tinha deixado de ser invisível.

### *Epílogo – Alasca*

O Alasca não acolhe nem rejeita você. Observa você. Mede você. Deixa você em suspenso até saber se você é honesto o bastante para ficar mais um dia ou lúcido o bastante para ir embora.

Neste estado, a distância não é geográfica: é humana. As pessoas vivem em silêncios que duram poucos segundos, mas aqui viram meses. A solidão é a língua materna delas. E as mulheres são as que melhor a falam. Vi quatro mulheres em quatro papéis diferentes, e todas tinham uma coisa em comum: não esperavam ninguém.

A taxista dirigia para não parar. A policial controlava um mundo que não podia ser controlado. A universitária buscava um futuro

num lugar que tirava o presente. A dona de casa sustentava uma casa inteira sem que ninguém a visse.

No Alasca, as mulheres não pedem. Agem.

É um lugar onde a vida é curta, a noite é longa e a verdade não precisa de espectadores.

### *Reflexão – Alasca*

O Alasca me ensinou algo simples e feroz: o mundo não se divide entre homens e mulheres. Divide-se entre quem carrega o peso e quem o põe nas costas dos outros.

Neste estado, são elas que carregam o peso.

Não vi fragilidade. Vi dignidade. Vi uma calma que não vem da paz, mas do costume com a tempestade. Vi mulheres que não reclamam porque sabem que, se reclamassem, ninguém escutaria.

As mulheres do Alasca não são invisíveis porque faltam. São invisíveis porque ninguém olha para elas tempo suficiente para realmente vê-las.

São mães sem tempo, trabalhadoras sem horário, guardiãs sem plateia. São a parte da sociedade que não pede aplausos. E nunca vai pedir.

As mulheres do Alasca não falam do que vivem. Por isso eu falo agora.

## ARIZONA

O Arizona é uma ferida aberta no deserto. Uma extensão de poeira, cânions e silêncios que não blasfemam, julgam. Aqui o sol não aquece. Queima. E a noite não refresca. Divide.

É um estado de fronteira, onde cada estrada carrega um suspeito. Imigrantes, agentes da patrulha de fronteira, tribos nativas, veteranos, caminhoneiros, mulheres sozinhas, famílias destruídas: todos misturados num calor que não perdoa.

As cidades parecem modernas, mas assim que você sai do perímetro sente a verdade: o Arizona é deserto, despovoamento, drogas, choques entre culturas, raízes indígenas que nunca se apagam e uma solidão sem horizonte.

E as mulheres? Aqui vivem no olho do furacão: entre fronteiras e identidade, entre sobrevivência e orgulho, entre violência e liberdade.

A mulher do Arizona pode ser qualquer coisa: – nativa hopi ou navajo – imigrante mexicana – mãe solo de uma cidade-fantasma – agente da patrulha de fronteira – enfermeira nas reservas – estudante de Phoenix que sonha em fugir.

Mas em cada papel há o mesmo fardo: resistir sem poder parar.

### *A Policial da Fronteira, 38 Anos*

Um encontro com as forças da ordem, em qualquer lugar do mundo, é sempre um teste da sociedade em que você se encontra. Sempre o vivi como um confronto direto com o território, suas regras, seus limites, seus fantasmas.

Naquela tarde, eu tinha alugado um carro para me sentir livre e independente. Estava convencido de que a estrada era minha. Mas na América a estrada nunca é sua. Ela é que cobra de você.

Dirigi quatro horas sem parar. Depois cinco. O deserto do Arizona não perdoa: cânions sem fim, silêncios de arrepiar, milhas que parecem todas iguais.

E então eu vi. Uma viatura da polícia com as luzes piscando. Ordem para parar.

Desceu uma mulher. Tinha traços nitidamente mexicanos, olhos negros intensos, cabelo escuro preso, lábios vermelhos. Ray-Ban escuro e um corpo que parecia esculpido pelo próprio deserto. Sem pensar, eu lhe disse:

“A senhora fugiu de um concurso de beleza?”

Ela não se deixou abalar. “Não banque o engraçadinho. Pegue os documentos ou eu prendo o senhor.”

Lucidíssima. Letal. Profissional.

Entreguei tudo a ela. As perguntas de sempre: por que eu estava tão perto da fronteira, de onde vinha, por que estava dirigindo em linha reta havia horas. “Não posso dizer que estou colhendo cogumelos”, respondi. “Quero ver a América de verdade, aquela que não se encontra nos livros.” Ela me fez descer do carro. Revistou tudo. Depois me estudou. “Por que o senhor não tem bebida? Por que não fuma?” “Sou ex-jogador de rúgbi. Só me resta um dos meus vícios.” “Comida?”, disse ela. “O que eu quero não se come. Só se ama.” “O cachorro?”, riu ela. “Não.” Ela ficou rígida. Percebeu que eu estava indo longe demais. Era terreno perigoso: ela tinha poder, autoridade e até um caráter que não pedia licença. “Dá para saber o que só se pode amar?”, perguntou. “Claro. Aquela de onde tudo começou, aquela que nos fez, aquela que nos mantém vivos, aquela que nos leva adiante.” “Quem?” “A mulher. A senhora não entendeu?” Ela não respondeu. Devolveu-me os documentos. “Volte. Este não é o seu caminho.” Obedeci. Era a coisa mais inteligente a fazer. Depois veio a noite.

E às dez horas, no saguão do meu hotel, eu a vi entrar. À paisana. O mesmo olhar. A mesma força. Uma mulher que sabia

exatamente o que queria.

Ela se aproximou. “Posso tomar um drinque?”

“Não”, respondi. E me levantei.

Ela segurou meu braço. “Por que o senhor está indo embora?”

Olhei nos olhos dela e disse a verdade:

“Fugir do perigo não é covardia. É bom senso.”

E fui embora.

### *A Mulher Navajo*

Naquela manhã, acordei tarde. Mais tarde eu deveria falar no campus, como palestrante convidado. Peguei minha pasta de trabalho, desci até o estacionamento e entrei no primeiro ônibus com a placa “Campus”. Um erro simples, bobo, inocente.

Depois de uma hora, eu ainda não reconhecia nada. Estradas diferentes, paisagens diferentes, e ninguém descia. Então o ônibus parou. Fim da linha.

### *Reserva Navajo.*

O próximo ônibus só sairia no dia seguinte. Sem telefone, sem contato, sem jeito de avisar os colegas. Eu teria de aparecer no dia seguinte e explicar o mal-entendido. Acontece. A vida não avisa.

Assim que entrei na reserva, o chefe indígena me abraçou como a um parente que volta depois de anos. Apresentou-me à esposa, à filha e aos parentes próximos. Mostraram-me o lugar, ofereceram-me uma bebida e disseram, como quem não quer nada:

“Hoje à tarde vamos dar uma festa para você.”

Estavam esperando outra pessoa. Eu tinha ido parar ali por acaso. Ou, às vezes, o destino chega disfarçado de erro. Sorri. Aceitei. Deixei o deserto decidir.

Carne de búfalo. Bolinhos de sangue. Batatas, pimentões e cebolas. Cerveja e bebida sem limite. Roupas tradicionais por toda parte. O fogo ardia. Os tambores lentos. E a filha do chefe colocando em mim um chapéu com uma pena branca.

Era uma navajo de verdade. Silenciosa. Atenta. Acostumada a ver tudo e não dizer nada. Uma daquelas mulheres que crescem entre tradição, trabalho, feridas domésticas que ninguém denuncia e uma identidade que não morre nem debaixo do concreto.

A festa durou até tarde da noite. Cenas que eu tinha visto nos filmes de John Wayne, mas ao contrário: eles não eram os agressores. Eram os sobreviventes.

Fizeram-me dormir na tenda do chefe, deitado sobre peles de búfalo. Sem roupa. Um rito antigo. Aceitei. Eu não estava ali para me opor a um mundo que tinha me acolhido. Depois de um tempo, a filha do chefe entrou. Do mesmo jeito. Sem palavras. Só presença.

Depois chegaram o chefe e a esposa, cada um em suas peles, cada um em sua posição. Verificaram a filha. E verificaram a mim. Felizes. Tranquilos. Como se tudo estivesse no seu devido lugar.

Na manhã seguinte, procurei um banheiro. Ela apontou para um canavial e um rio.

Tentei me lavar no rio, mas a água era turva e cheia de peixes. Entrei no canavial. Parecia livre.

Eu estava enganado.

Assim que me acomodei, saíram dois índios com jornais na mão, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Depois um terceiro. Depois mais um.

### *A aldeia inteira cagava no mesmo canavial.*

E eu achando que estava sozinho.

O ônibus de volta para a civilização estava para sair. Eu não podia perdê-lo.

A filha do chefe me deteve. Havia dúvida nos olhos dela. “Vou ver você de novo?”

Dei a ela meu laptop. Um jeito de manter contato. Uma chance.

Mas aquele contato nunca veio.

Porque o silêncio dos índios não é ausência. É história. É lei. É memória que não busca confirmação.

### *A Enfermeira da Cidade-Fantasma – 45 anos*

Minha tireoide tinha começado a dar problema. Eu não comia, mas engordava. Um clássico.

Tentei a farmácia: sem receita, sem remédio. Tentei os supermercados: nenhuma versão sem receita. A única opção que restava era o hospital.

E lá eu a conheci.

### *Conchita.*

Enfermeira. Quarenta e cinco anos. Morava nas áreas abandonadas do Arizona, onde o calor pesa como uma maldição e a noite se enche de overdoses, sirenes distantes e casas vazias. Nas cidades-fantasma, as pessoas desaparecem mesmo estando vivas.

Ela me olhou. Todo dia via gente desesperada, dependentes químicos, feridos, famílias destruídas. Alguém como eu — um estrangeiro, de terno, educado e ali só por um remédio para a tireoide — não estava na lista dos problemas urgentes.

Mesmo assim, o procedimento era uma barreira intransponível. O Obamacare garantia atendimento a todos, sim, mas só a quem estivesse internado.

Eu não precisava ser internado. Só precisava continuar vivendo.

Não insisti. Não era necessário. Disse apenas que estava hospedado no hotel ali perto. Deixei meu nome: Ferdinando. Mais nada.

Fui embora. Naquela noite, por volta da meia-noite, o telefone do hotel tocou. O recepcionista me perguntou se podia deixar uma senhora subir ou se eu preferia descer até o saguão.

Preferi descer.

Conchita estava lá. À paisana. Sem uniforme, sem papéis.

“Podemos conversar?”, perguntou. Assenti.

Fomos a um pub ali perto. Sentados um diante do outro, ela passou a mão por baixo da mesa e me entregou um pequeno envelope branco. Dentro, meus remédios. Passou-os como quem passa droga a um viciado. Com a mesma cautela, o mesmo risco, o mesmo segredo.

Eu não entendia por que ela fazia aquilo. Eu não tinha pedido nada.

Só entendi quando ela falou.

“Não é o remédio”, disse ela. “É o jeito como o senhor pediu as coisas. A maneira. As maneiras. O estilo.”

Ela me olhou nos olhos. Uma mulher que passa os dias entre gritos, emergências, violência e pobreza reconhece na hora quem não quer tirar nada, só viver.

“Não faço isso para todo mundo”, acrescentou. E eu sabia.

Num deserto cheio de ausências, uma mulher invisível tinha decidido estar presente.

### *A Garçonete de Tucson – Imigrante de 22 Anos*

À tarde, me deu vontade de algo doce. Não era fome, era falta de afeto, e eu sabia. O remédio mais simples era sentar num restaurante e pedir alguma coisa açucarada.

A garçonete chegou na hora. Pequena, magra, frágil de corpo mas rápida nos movimentos. Parecia a irmã de saia do Speedy Gonzales: deslizava entre as mesas como se tivesse fogo nos tornozelos.

“Quantos anos você tem?”, perguntei.

Ela nem olhou para o bloco. Fuzilou-me com o olhar.

“O que você tem com isso? Consuma, pague e vá embora. E se me encher o saco, eu chamo a polícia.”

Vinte e dois quilos de corpo. Vinte toneladas de gênio. Dinamite pura num pote de vidro.

O dono saiu na hora, pedindo desculpas. Tinha visto tudo. Eu não tinha feito nada de errado, mas ela não era de analisar: reagia.

Ele me contou a história dela. Tinha chegado do México sem nada: sem dinheiro, sem família, sem documentos sólidos, sem certezas.

Servia mesas para sobreviver e esperava um futuro que o Arizona raramente oferece.

Ela tinha pressa. Toda a pressa do mundo. E essa pressa era o limite dela.

Pedi papel e caneta. Escrevi uma carta. Sem romantismo, sem ilusões: só a verdade. Deixei-a para ela com o dono, que assentiu como quem assente para alguém que demonstra respeito.

No dia seguinte, passei pelo lugar. Não entrei. Só queria observar.

De repente ouvi passos rápidos atrás de mim. Um golpe nas costas.

Eu me virei.

Era ela.

O rosto tenso, os olhos nervosos, a respiração curta.

### *“Tenho vinte e dois”, disse ela.*

“E onde é que você dorme, porra? Passei a noite inteira procurando você. Nem a polícia sabe onde você está.”

Olhei para ela. Era a mesma moça da noite anterior, mas sem armadura. Uma menina num mundo que devora os adultos.

Eu me despedi dela. E fui embora. Não por indiferença. Por respeito. Porque certas fragilidades não devem ser tocadas: é preciso deixá-las ir.

### *Epílogo – Arizona*

O Arizona não é uma paisagem: é uma fronteira. E as fronteiras não se atravessam. Enfrentam-se.

Neste estado, o calor não é temperatura: é julgamento. O deserto não é espaço: é solidão. As pessoas não vivem, resistem.

Conheci quatro mulheres, e todas tinham a mesma palavra: sobrevivência. A policial da fronteira, armada até os dentes, mas tão sozinha quanto o deserto que patrulha. A mulher navajo, filha de uma terra que não perdoa e de uma memória que nunca cicatriza. A enfermeira das cidades-fantasma, que cura vidas sem ser vista e salva quem já não tem mais nada. A garçonete imigrante, vinte e dois anos de raiva e fragilidade, em guerra com um mundo maior do que ela.

Quatro caminhos diferentes. O mesmo deserto por dentro.

No Arizona, as mulheres não esperam um futuro: buscam-no com todas as forças. E quando não o encontram, continuam andando. Porque parar significa desaparecer.

Os homens atravessam este estado para ver os cânions. As mulheres o atravessam para escapar da morte. E fazem isso em silêncio, sem pedir nada a ninguém.

### *Reflexão – Arizona*

O deserto ensina uma coisa: ninguém sobrevive sozinho.

E, no entanto, são as mulheres do Arizona que fazem isso. Todo dia. Toda noite. Num clima de tirar o fôlego e numa sociedade que exige que você seja forte mesmo quando não consegue.

São mulheres que não têm tempo para reclamar. Não têm tempo para sonhar. Não têm tempo para errar.

E eu, mais uma vez, fiz o que sempre faço: eu as conheci, observei, escutei e depois as deixei ir. Porque o respeito também nasce de

não reter. O Arizona me lembrou que há vidas que não pedem para ser entendidas: pedem apenas para não ser ignoradas.

E eu não vou ignorá-las. Nunca.

## ARKANSAS

O Arkansas é uma curva lenta entre colinas, rios e casas de madeira que rangem. É um estado que não faz barulho, porque o barulho atrairia atenções indesejadas. Aqui, tudo está reduzido ao osso: trabalho agrícola, minas esquecidas, comunidades isoladas, bairros onde a pobreza não é uma fase, mas uma herança.

É a América que vive fora do mapa. A riqueza está no Oeste. A modernidade, no Norte. Aqui ficam os outros: os que não tiveram alternativa.

As mulheres do Arkansas são as que seguram o que sobra: famílias instáveis, casas caindo aos pedaços, maridos ausentes ou sobrecarregados. A mulher do Arkansas cresce cedo, casa cedo e envelhece cedo.

Ela é: – mãe em tempo integral – enfermeira sem diploma – psicóloga improvisada – cozinheira, motorista, educadora – trabalhadora mal paga em supermercados, fazendas, clínicas populares.

Mas não termina aí. O Arkansas também tem outro lado: duro, escondido, feito de empregos que dão poder, mas tiram vidas. Ela também é: – funcionária dos correios que conhece os segredos do país inteiro – gerente de empresas locais, sem bônus nem glória, só estresse – fiscal da receita, temida mas ignorada, esmagada pela papelada e por salários baixos – agente do FBI transferida para cá como castigo ou por proteção, obrigada ao silêncio – técnica da companhia de água, que garante água a uma

comunidade que nem sabe o nome dela – trabalhadora de uma empresa farmacêutica, onde se prometem curas, mas se oferecem turnos exaustivos

A fé é uma âncora. A labuta é diária. A solidão é a norma.

Aqui, as mulheres não buscam emancipação: buscam um respiro. E muitas vezes não o encontram.

### *A Funcionária dos Correios – 48 anos*

No Arkansas, a agência dos correios fica no coração da cidade. É mais do que um lugar por onde passam cartas e pacotes: ali circulam fofocas, cheques, reclamações, fraudes e confissões.

Ela a mantém de pé. Sabe tudo de todos. Mas ninguém sabe nada dela.

Para mim, foi como voltar ao escritório da minha mãe. Trinta e cinco anos nos correios, e certas dinâmicas se reconhecem na hora: hierarquias rígidas, confiança depositada em poucos escolhidos, dinheiro que passa de mão em mão, mas sempre sob controle. Entrei já sabendo que tipo de resposta receberia. A previsibilidade é uma vantagem.

Foi brincando que Kriss, 48 anos, diretora, me abriu a porta do escritório dela. Tratou-me logo como um “consultor estrangeiro”, com aquela curiosidade misturada com desconfiança típica das mulheres acostumadas a não confiar em ninguém, mas cansadas de fazer tudo sozinhas.

Primeiro, mostrou-me o que sabia fazer. Depois, com mais coragem, o que queria.

Superada a primeira barreira, o contato com o dinheiro e com as ferramentas do dia a dia dela dissolveu o resto. Ela começou a

falar. Relações difíceis com a administração, bloqueios na carreira, promessas quebradas, fiscalizações constantes, reconhecimento zero.

“Preciso de soluções rápidas e eficazes”, disse ela.

Eu lhe disse apenas uma frase em latim, jogada como provocação: “Do ut des.” Eu dou para que você dê.

Ela entendeu na hora: “Dou a você tudo o que quiser, se você me ajudar.”

Ao longo de três dias, preparei uma série de cartas para a Direção-Geral. Ela as leu, assinou e enviou. Pouco depois, chegou a convocação.

Ela exigiu que eu a acompanhasse como consultor. Aceitei. O resultado foi claro: – passagem de funcionária a gerente – aumento de salário – mesmo cargo – muito menos fiscalização.

Ela saiu do escritório pulando de alegria. Era um problema que carregava havia pelo menos cinco anos e, em uma semana, ele desapareceu.

À noite, ela me levou para jantar.

Chegou elegante, diferente de como eu a tinha visto no escritório. Estava claro que alguém a tinha ajudado a se arrumar: colegas, amigas, a filha. Todos tinham participado daquela passagem de “descuidada” a “visivelmente mulher”.

No fim do jantar, ela foi ao caixa pagar. Voltou sem ter pago. O dono a tinha impedido: a conta já estava paga.

Eu tinha avisado antes: “Não aceite um centavo dela. A conta é minha.”

Kriss sorriu. Depois me disse para irmos embora. “Levo você para casa. Quero lhe dar o presente que você merece.”

Eu sabia exatamente o que ela tinha em mente. Disse-lhe que fosse na frente, que eu a alcançaria daqui a pouco.

Eu, por outro lado, fui para o aeroporto. Deixei o estado.

Três dias depois, recebi um e-mail dela. Dizia que estava decepcionada com meu comportamento, mas também grata. Tinha encontrado, nas palavras dela, “um homem especial que não quis nada em troca por mudar a minha vida”.

### *Agente do FBI fora da rota – 38 anos*

Chegou de Washington, acostumada a grandes investigações, a briefings pesados e a salas envidraçadas com homens que decidem a vida dos outros. Agora ela se vê numa delegacia de subúrbio do Arkansas: drogas baratas, violência doméstica, silêncios teimosos. O poder dela não serve para nada. A solidão dela, sim.

Eu estava lá para declarar à Embaixada minhas competências e minhas fraquezas. Protocolo padrão. Entro na sala dela: Marion, 38 anos, uma agente federal transferida à força.

“Precisamos nos tratar pelo primeiro nome, Nando”, ela disse logo. “Me diga: você tem alguma fraqueza?”

“Tenho. As mulheres.”

Ela ficou rígida. “Como assim?”

“Eu as ajudo, eu as amo se puder… e as deixo.”

“Por quê?”, ela perguntou. “Porque você mastiga sempre com os mesmos dentes, enquanto nós temos muitos mais. É uma questão de comportamento: nem tudo se pode segurar, nem tudo se pode

reter.” Agora ela queria ser analisada. “Então faça isso comigo também. Me diga por que fui transferida para cá. Me mostre o que você vê.”

Três minutos. Não mais. Foi o bastante para ela desmoronar.

O problema dela era simples: ela não conseguia controlar as emoções. Numa agência como o FBI, isso é uma maldição. Torna você fraca, torna você pouco confiável, tiram suas investigações e mandam você para onde não pode causar estrago.

Eu disse isso a ela. Sem filtros.

No começo, ela recusou. Depois pensou por um segundo. E caiu no choro. Ela me abraçou como se abraça alguém que está dizendo a verdade quando ninguém mais teve coragem de dizê-la.

Depois assinou os documentos que certificavam a minha posição. Foi um ato lógico, mas a assinatura dela foi emocional.

Na saída, liguei para Washington. Pedi uma transferência: “Me mandem para Miami. Aqui eu não posso me mudar. Lá vou ser livre.”

Seis meses depois, Marion ainda mantinha contato comigo. Ligações, e-mails e pedidos de encontro.

Eu sempre dizia a ela a mesma coisa: “Não há futuro. Eu já estou em outro lugar.”

Ela não desistiu. Ela era do FBI. E quando o FBI mira você, não solta logo.

### *A operária farmacêutica – 55 anos*

Ela trabalha numa fábrica que produz remédios para a nação inteira. Uma ironia poderosa: cura os outros, envenena a si

mesma. Produtos químicos pesados, turnos duros, máscaras que só protegem pela metade, um salário que não protege de nada.

Ninguém sabe o nome dela. Todos tomam os comprimidos que passam pelas mãos dela.

A minha entrada não estava prevista. Tudo começou num jantar, no pós-Covid, quando eu disse rindo que tinha tomado quatro doses da Pfizer, todas do mesmo lote, e que aquele lote continha uma "variante Viagra" que garantia benefícios permanentes. Uma piada. Uma das minhas.

Mas alguém nas mesas ao lado escutou. E a notícia se espalhou pelo país. Depois pelo mundo.

A empresa farmacêutica quis me conhecer. Para entender. Para verificar. Porque nos Estados Unidos um bom barulho social pode dobrar o preço de uma ação.

Eles me levaram para dentro da fábrica. Assim que entrei, 130 pessoas se levantaram e aplaudiram. Eu estava vermelho, e eles estavam convencidos de que eu ia revelar o "segredo".

Eu disse a verdade: "Era uma piada." Não acreditaram.

Gerentes, executivos e secretárias me cercaram: cada um queria um detalhe, uma confirmação, um indício de verdade técnica.

Mas foi uma operária, 55 anos, mãos arruinadas pelos produtos químicos, costas curvadas por anos de trabalho invisível, que me pediu uma conversa. Levaram-na para uma sala comigo. Ela entrou deprimida. Vazia. Cansada.

Conversamos durante quarenta e cinco minutos.

Não de vacinas. Não de lotes. Não de potências milagrosas.

Conversamos sobre a vida. Sobre fracassos que se fazem passar por normalidade. Sobre sonhos enterrados porque ali ninguém tem o luxo de tê-los.

Eu disse a ela uma única verdade: “Sonhar não cura, mas salva. E custa menos do que o remédio mais barato que vocês produzem.”

Ela saiu sorrindo. As colegas olhavam para ela como se tivesse encontrado o antídoto universal.

“O que ele disse para você?”, perguntaram.

Ela não respondeu. E eu nunca vou contar.

Era o segredo mais simples do mundo: as palavras, se você sabe colocá-las no lugar certo, abrem espaços onde não havia ar.

E para ela, naquele dia, só respirar já bastava.

### *A ladra elegante – 30 anos*

Ela não rouba por instinto. Rouba porque o Arkansas não perdoa quem nasce sem nada.

Ela é culta, inteligente e brilhante de um jeito assustador. Poderia ter se tornado gerente, professora, consultora. Em vez disso, virou uma sombra: circula entre casas, chats, identidades, promessas e oportunidades perdidas.

Eu a conheci on-line. Um pedido de ajuda chegou pelo Skype, um perfil limpo, um nome que parecia um código: Last A. Chamá-la de bonita era um insulto. Bonita era pouco. Ladra era natural. Burra era normal. Um enigma com maquiagem perfeita.

Ela me pediu ajuda. Eu dei.

Em um ano, ela tinha juntado 14.000 dólares, tudo para as necessidades que declarava. Nunca um encontro. Nunca uma

videochamada. Nunca um telefonema. Só cartas digitais, pedidos cuidadosamente construídos, emergências que pareciam verdadeiras.

Foi a fraude mais doce que eu já sofri.

No fim, decidi ir procurá-la. Little Rock. A cidade de Bill e Hillary Clinton.

Conheci a mãe dela, Rita. Uma mulher gentil e confusa, que não conhecia de verdade a filha. Quando me viu, não se abalou; pelo contrário, me pediu mais dinheiro, com a naturalidade de quem respira.

Foi naquele momento que eu vi a verdade.

Ela não estava sozinha. Estava ligada a um grupo em Gana. Devolvia 55% do que ganhava. Uma profissional por necessidade. Todos me perguntavam como eu tinha podido cair num jogo tão sujo. Como tinha podido acreditar. Pagar. Insistir. Aceitar.

Mas a resposta era simples, e eu a tinha clara dentro de mim:

Quem é feito para ajudar não pensa no mal. Vê só o bem que pode fazer, mesmo quando o mundo lhe mostra o contrário.

### *Epílogo – Arkansas*

O Arkansas não é um estado: é uma armadilha lenta. Uma teia de pobreza, silêncio, trabalho mínimo e vidas que se apagam em silêncio. As mulheres que conheci aqui não pediam salvação. Pediam simplesmente um lugar para respirar.

A funcionária dos correios, rainha de todos os segredos do país, queria só recuperar o próprio valor. A agente do FBI, caída do alto, lutava mais contra si mesma do que contra o crime. A operária farmacêutica, invisível entre comprimidos e produtos químicos,

salvava o mundo envenenando a si mesma pouco a pouco. E a ladra elegante... era o símbolo perfeito deste estado: inteligente, brilhante, mas obrigada a escolher o caminho que a vida lhe impôs.

O Arkansas me mostrou uma coisa simples: aqui, as mulheres sobrevivem como podem. Algumas resistem. Algumas fugiram. Algumas escorregam para a sombra porque a luz nunca esteve lá.

E todas elas, de um jeito ou de outro, continuam ausentes. Não porque faltem. Mas porque ninguém as vê.

### *Reflexão – Arkansas*

Neste estado, entendi que a pobreza não é uma condição econômica. É uma condição emocional, cultural e mental. É a convicção profunda de não merecer outra coisa. Quem nasce aqui precisa lutar contra um destino não escrito.

A mulher do Arkansas não tem um futuro: ela o constrói com as próprias mãos. Todos os dias. Dentro de uma sociedade que fala de oportunidades, mas só distribui sobrevivência.

Aqui eu vi uma coisa clara:

### *As mulheres não caem.*

São deixadas cair.

E o verdadeiro pecado não é a pobreza. É a indiferença de quem olha e passa.

Eu não passo. Eu observo, escuto, escrevo. E trago estas histórias para fora desta terra porque, se não fizesse isso, elas ficariam enterradas como tudo aqui: no silêncio, na poeira e na vergonha.

## CALIFÓRNIA

A Califórnia não é um estado: é uma ilusão de massa.

Para quem a observa de longe, é sol, palmeiras, cinema, tecnologia, o oceano, o sonho americano. Para quem a vive de baixo, é uma fratura constante: riqueza extrema a poucos metros da pobreza absoluta, trabalho high-tech ao lado da colheita nos campos, mansões fechadas e barracas de plástico na calçada. É o lugar aonde o mundo vem buscar possibilidades e encontra hierarquias já escritas.

Para as mulheres, a Califórnia é uma falsa promessa: – liberdade aparente – direitos proclamados – oportunidades exibidas.

mas a regra é sempre a mesma: se você não acompanha o ritmo, desaparece.

As ausências aqui não são silêncios: são corpos que o sistema deixa para trás sem olhar para trás.

### *A mulher do Vale do Silício – 39 anos*

Chamam-no de "capital da inovação", mas o Vale do Silício é um feudo fechado onde o poder é masculino, branco ou asiático, de base engenheira, competitivo até o delírio.

Oficialmente, as mulheres são bem-vindas aqui: – programas de diversidade – códigos de ética corporativos – painéis sobre igualdade de gênero – fotos sorridentes nos relatórios anuais.

Mas dentro das salas que importam, a cena é outra.

Ela tem dois diplomas, um mestrado, um inglês perfeito e altas competências técnicas. Trabalha com produtos digitais, dados e

plataformas. Passa os dias em reuniões em que três pessoas decidem as ideias reais: duas à mesa, uma na tela.

Exigem dela soft skills, capacidade de mediação e empatia. Dão a ela um papel de coordenação, não de comando. Querem que ela esteja presente, mas não protagonista.

A maternidade, neste sistema, é uma anomalia logística. Há benefícios, licenças, apoio, estruturas para congelar óvulos, creche da empresa — mas sempre com uma condição não dita: você não pode desacelerar.

Se ela engravida, é vista como um problema potencial. Se não engravida, é vista como um "homem de saia", descartável como todos os outros. Nos dois casos, ela é uma ferramenta: nunca o centro das atenções.

Reuniões à noite, fins de semana de "emergência" e ligações de madrugada com a Ásia ou a Europa não contam como vida privada. O sistema exige disponibilidade total.

Quando ela desmorona – burnout, ansiedade, insônia, crise de sentido –, a resposta é sempre a mesma: – ioga – mindfulness – terapia particular.

Nunca uma revisão estrutural. Nunca uma verdadeira redistribuição do poder.

A ausência dela não é física: é simbólica. Está presente em cada processo, mas nunca no reconhecimento final.

A tecnologia vende ao mundo narrativas de empoderamento feminino. Mas lá no fundo, as mulheres continuam sendo exceções a administrar, não pilares a reconhecer.

### *A migrante do Central Valley – 28 anos*

O Central Valley é uma parte da Califórnia que os turistas não veem e que o cinema não filma.

É o corredor agrícola que alimenta metade do país: – campos de frutas – hortaliças – amêndoas – vinhedos – indústrias de processamento.

Nesta paisagem, a mulher migrante é a força motriz invisível da cadeia. Elas vêm do México, da América Central, de comunidades pobres sem alternativa real. Muitas não têm documentos, outras têm documentos frágeis, e todas compartilham a mesma condição: a existência delas depende de não causar problemas.

Ela trabalha nos campos, nas estufas e nas fábricas de embalagem. Turnos exaustivos, costas curvadas, calor extremo, pesticidas no ar, uma vigilância sutil e constante. Fala pouco, observa muito, escuta tudo.

O pagamento é baixo, muitas vezes abaixo do mínimo real. As horas extras nem sempre são registradas. A licença médica não existe: quem falta ao trabalho é substituída.

A violência é difusa, mas muitas vezes não fica registrada: – assédio no trabalho – chantagem sexual – ameaça de perder o emprego – ameaça de denúncia às autoridades.

Denunciar significa arriscar perder tudo. Calar significa continuar levando alguma coisa para casa para os filhos.

A ausência dela é institucional: não aparece nas estatísticas públicas, não tem representação, não participa das discussões em que se decide a agricultura e não é consultada quando se fala de transição ecológica ou de cadeias de abastecimento sustentáveis.

Ela é a mulher que sustenta a comida de uma nação inteira sem ter direito a um lugar na narrativa oficial.

A Califórnia se vende como “verde”, preocupada com o meio ambiente, a saúde e o futuro. Mas nos campos do seu coração agrícola, as mulheres trabalham em condições que desmentem qualquer slogan.

### *A mulher da indústria da imagem – 32 anos*

Hollywood, estúdios de televisão, plataformas digitais, agências, publicidade, redes sociais. A Califórnia construiu uma economia global baseada na imagem. No centro dessa engrenagem está a mulher usada como superfície.

Atriz, figurante, modelo, influenciadora, figura de fundo. O primeiro critério sobre ela não é ético, cultural nem profissional: é estético.

Existem categorias precisas de “papéis femininos”: – jovem para comerciais – mulher “normal” para campanhas de família – corpo hipersexualizado para certos públicos – figura tranquilizadora para outros.

O casting não é só seleção: é um filtro cultural. Decide quem pode ser mostrada, quem pode ser vendida e quem pode ser descartada.

Os pedidos explícitos e implícitos são sempre os mesmos: – caber num certo peso – aceitar maquiagem, retoques, modificações – adaptar-se a roteiros estereotipados – não contradizer quem paga.

Quem tenta recusar certas cenas ou situações é considerada “difícil”. Quem denuncia abusos ou chantagens é isolada, rotulada e muitas vezes substituída em silêncio.

As grandes campanhas globais falam de body positivity, respeito, empoderamento e inclusão. Mas nos corredores dos escritórios, nos testes de elenco e nas reuniões de produção, os critérios reais continuam antiquados, banais e violentos.

Aqui a mulher é hipervisível como imagem e invisível como sujeito livre.

A ausência dela é psicológica: está desconectada de si mesma, transformada em marca, obrigada a medir o próprio valor em números: visualizações, curtidas, seguidores, engajamento.

Por trás de cada rosto perfeito impresso num outdoor, há uma pessoa que muitas vezes não tem quase nenhum controle sobre a própria representação.

### *A mulher sem-teto – 50 anos*

A Califórnia também tem uma das maiores populações de sem-teto dos Estados Unidos.

Barracas debaixo de viadutos, acampamentos improvisados ao longo dos canais, gente que vive em carros, trailers caindo aos pedaços e em calçadas transformadas em corredores residenciais. Los Angeles, San Francisco, Oakland, San Diego: a pobreza está em toda parte, visível e ignorada.

A mulher sem-teto fica duplamente exposta: – como mulher pobre – como corpo feminino vulnerável.

Muitas vezes tem uma história de: – aluguéis impagáveis – empregos perdidos – separações destrutivas – violência doméstica – problemas de saúde não tratados – dependências usadas como anestesia.

A noite nunca é descanso: é defesa. Proteger poucas coisas, um saco de dormir, uma bolsa, um documento, uma lembrança. Os serviços sociais existem, mas são: – lentos – insuficientes – burocráticos – às vezes humilhantes.

As mulheres sem-teto escapam das estatísticas precisas: são as que se deslocam, que mudam de lugar para evitar agressões, que não vão aos abrigos porque têm medo, que não levam os filhos aos serviços por medo de que sejam tirados delas.

A ausência dela é moral: a sociedade a vê, mas não a reconhece como parte de si. É descrita como um problema, nunca como o resultado de escolhas políticas e econômicas.

A Califórnia, que fala de inclusão digital, inovação e futuro sustentável, convive com mulheres que lavam o cabelo em fontes públicas, que se trocam num estacionamento, que comem graças a um sopão comunitário.

Nenhuma delas é um "caso extremo". São a consequência normal de um modelo que aceita como inevitável a queda de quem não consegue arcar com o custo de vida.

## *Epílogo – Califórnia*

A Califórnia é a vitrine do mundo e, ao mesmo tempo, o seu quarto dos fundos.

Para fora, ela exibe: – tecnologia– cinema– música– universidade– inovação

Por dentro, esconde: – exploração agrícola – desigualdades imobiliárias – precariedade extrema – dependências – falta de moradia estrutural. Aqui as mulheres não estão ausentes por falta delas. Estão ausentes por saturação de imagens.

Quando um lugar exibe continuamente corpos femininos por toda parte — telas, outdoors, vídeos, anúncios, feeds das redes sociais —, dá ao mundo a ilusão de que as mulheres estão no centro.

Na realidade: – a mulher que trabalha na tecnologia governa pouco – a migrante nos campos não é ouvida – a profissional da imagem é comprimida em papéis pré-fabricados – a mulher sem-teto é evitada com o olhar.

A Califórnia prova que a ausência não é só vazio: pode ser super-representação sem poder real.

É o estado onde as mulheres aparecem em toda parte, mas são reconhecidas muito menos do que o mundo imagina.

### *Reflexão – Califórnia*

No Alaska, a ausência é gelo. No Alabama, é história. No Arizona, é fronteira. Na Califórnia, é maquiagem.

Aqui, a ausência das mulheres é mascarada por: – slogans progressistas – campanhas publicitárias corretas – conferências sobre igualdade – storytelling motivacional.

Fala-se de "inclusão", mas a verdadeira inclusão se mede por três parâmetros concretos: – quem decide – quem ganha mais – quem pode se dar ao luxo de dizer não.

Nesses três pontos, as mulheres californianas – de todas as classes sociais – ficam para trás com frequência demais:

– a gerente é tolerada enquanto não exige poder pleno – a migrante é deixada em paz enquanto aguenta o trabalho duro sem protestar – a profissional da imagem é usada enquanto corresponde ao público-alvo – a mulher sem-teto é ignorada enquanto não atrapalha o trânsito ou o decoro

O mundo olha para a Califórnia para entender o futuro. Mas se olhasse de verdade para as mulheres que a mantêm de pé, descobriria uma verdade simples:

***Não há futuro em um lugar que normaliza a ausência de***

quem o sustenta.

É por isso que a Califórnia está neste volume. Não como mito, não como cartão-postal, não como inimiga. Como prova.

Uma das capitais mundiais do imaginário, onde a coisa mais difícil de ver continua sempre a mesma: a vida real das mulheres que nunca vão parar na tela.

## COLORADO

O Colorado é um estado que finge ser simples, mas não é. É a América que vive entre dois extremos:

– montanhas que parecem proteção – cidades que funcionam como laboratórios sociais

É uma região limpa, ordenada, superficialmente progressista, mas com contradições muito claras: custo de vida proibitivo, segregação invisível, trabalho técnico, condomínios fechados e um isolamento social silencioso.

Aqui, as mulheres não desaparecem por causa de uma violência evidente. Desaparecem por excesso de ordem, por pressão cultural e por expectativas sociais sufocantes.

O Colorado é um estado que pede muito e devolve pouco. As mulheres que vivem lá mantêm um equilíbrio difícil:

– trabalho técnico e mental – famílias que exigem presença total – comunidades que observam e julgam – saúde mental sem espaço – isolamento geográfico disfarçado de “qualidade de vida”.

É um estado onde você não cai porque alguém empurra você. Você cai porque ninguém vê você escorregar.

### *A mulher de Denver – 35 anos*

Denver é moderna, funcional e limpa. Todo mundo fala de tecnologia, startups e qualidade de vida. Mas na prática é uma cidade que exige muito das mulheres e dá pouquíssimo em troca.

Ela é uma profissional: – diplomas – competências técnicas – emprego estável – salário médio-alto.

Tudo perfeito, no papel.

Ela vive sob pressão constante: desempenho, metas, reuniões, gestão de projetos, resultados mensuráveis toda semana.

As empresas falam de equilíbrio entre vida e trabalho. Mas exigem disponibilidade constante.

Ela tem um apartamento caro, uma agenda cheia e uma vida organizada nos mínimos detalhes. Ela não está caindo por pobreza: está caindo por exaustão.

A ausência dela é mental. Está sempre trabalhando, sempre pensando, segurando tudo — até que alguma coisa se quebra. E quando se quebra, se quebra em silêncio.

### *A mestra da montanha – 42 anos*

Fora de Denver e de Boulder, o Colorado muda de cara. Montanhas, pequenas comunidades, cidadezinhas onde pouca

gente fica no inverno e os turistas chegam em massa para tirar fotos no verão.

A professora aqui é o pilar do território: – ensina – orienta – acompanha – conhece todo mundo – é apoio psicológico – é uma família estendida para as crianças.

Ela vive entre a neve, estradas isoladas e escolas pequenas. A carga de trabalho dela é enorme, o salário, limitado.

A ausência dela é institucional: sustenta a comunidade, mas nunca participa das decisões políticas. É a mulher que trabalha para manter de pé um território inteiro sem ser reconhecida.

### *A mulher das reservas indígenas – 30 anos*

A parte "invisível" do Colorado são as suas reservas. Áreas onde a história pesa mais do que a modernidade.

As mulheres nativas vivem três níveis de opressão: – pobreza estrutural – cultura patriarcal interna – abandono institucional externo.

Ela muitas vezes trabalha em programas sociais, escolas tribais e postos de saúde reduzidos ao mínimo. Luta contra a dependência, a depressão, a violência doméstica e uma distância geográfica que isola completamente.

A ausência dela é cultural: o Colorado moderno não a considera parte da sua identidade, e a comunidade dela nem sempre reconhece o seu direito de se reinventar. Ela é uma mulher que sustenta um povo inteiro enquanto o mundo a ignora.

### *A mulher da estação de esqui – 27 anos*

Aspen, Vail, Breckenridge, Telluride. Luxo, dinheiro, esportes de inverno, economia sazonal.

A mulher que trabalha aqui – garçonete, bartender, operadora de teleférico, recepcionista, instrutora – vive um mundo duplo:

– os turistas riquíssimos – os trabalhadores que seguram tudo

Ela trabalha sem horário fixo, mal paga e muitas vezes de forma precária. Divide quartos minúsculos com outros trabalhadores para conseguir pagar o aluguel.

Está cercada de riqueza, mas continua isolada. Precisa lidar com turistas arrogantes, gerentes de temporada e exigências constantes.

A ausência dela é econômica: gera riqueza para todos, mas continua pobre.

### *Epílogo – Colorado*

O Colorado é um estado que parece perfeito, mas não é. É ordenado, rico, moderno e socialmente equilibrado — no papel. Mas as suas mulheres vivem sobre três linhas de falha:

– pressão mental – isolamento territorial – ausência institucional

Não há escândalos, não há violências em massa, não há caos. E justamente por isso a ausência delas pesa ainda mais.

Aqui, as mulheres não caem porque alguém as empurra. Caem porque todos dão por certo que elas aguentam.

### *Reflexão – Colorado*

A força das mulheres do Colorado não é fazer barulho. E não é virar notícia.

É uma ausência sutil, moderna, inteligente. Difícil de reconhecer, fácil de ignorar.

O Colorado ensina uma coisa simples: a ausência não é só pobreza, violência, frio ou confinamento. Também pode ser ordem. Também pode ser bem-estar. Também pode ser expectativa.

Quando uma mulher é esmagada não pelo caos, mas pelo "está tudo funcionando bem", então o problema não é visível – mas é real.

E é por isso que o Colorado também está aqui: para lembrar que a ausência feminina não tem um rosto só. Tem cinquenta. Um para cada estado.

## CONNECTICUT

Connecticut é um estado que muitos imaginam, mas poucos conhecem de verdade. Visto de fora, é elegante: cidades impecáveis, subúrbios limpos, escolas excelentes, gasolina cara, calçadas arrumadas, casas com gramados perfeitos. É o lado "alto" da América, aquele que nunca levanta a voz, aquele que organiza, governa e administra.

Aqui tudo parece em equilíbrio, mas esse equilíbrio não é natural: é uma pressão constante, uma manutenção contínua do decoro, da aparência, das expectativas.

Connecticut não pede que você brilhe. Pede que você nunca erre.

É um estado onde se pode viver bem só se três coisas forem verdadeiras: – competição social – controle emocional – o julgamento silencioso das comunidades

Aqui as mulheres não desaparecem por pobreza ou por violência evidente. Desaparecem por adaptação forçada. Um desaparecimento educado: sem gritos, sem escândalo, sem notícia.

É uma ausência refinada, mas mesmo assim uma ausência.

### *A funcionária da seguradora – 40 anos*

Connecticut é a capital dos seguros dos Estados Unidos. Hartford proclama isso em toda parte: “Insurance Capital of the World”.

Por trás desses slogans há milhares de mulheres sentadas diante de telas sem fim: – sinistros – apólices – algoritmos de risco – papelada digital – procedimentos – métricas.

O trabalho delas é preciso, técnico e controlado nos mínimos detalhes. Cada erro custa dinheiro à empresa e tempo a elas. Cada decisão precisa ser justificada, documentada, aprovada e validada.

O dia é uma cadeia de controle.

Ela segura tudo porque o sistema espera que ela seja impecável. E o salário é bom: excelente, comparado ao de outros países.

Mas o custo emocional é altíssimo.

As mulheres aqui não desmoronam. Esvaziam-se devagar, sem fazer barulho. Porque nestes escritórios ninguém pergunta como você está. Só perguntam: “Como vai o trabalho?”

A ausência dela é mental: presente todos os dias, mas desconectada de si mesma.

### *A mulher dos subúrbios ricos – 45 anos*

A parte rica de Connecticut é um mundo à parte. Casas enormes, SUVs silenciosos, jardins perfeitos, escolas particulares, normas sociais antigas.

Aqui as mulheres nem sempre trabalham "fora": trabalham dentro do sistema social.

O papel dela é cultural: – mãe impecável – esposa alinhada – presença nos comitês – administração da casa – voluntariado programado – imagem perfeita.

Se ela desmorona, não pode dizer. Se é infeliz, não pode mostrar. Se está sozinha, ninguém pode saber.

A ausência dela é de identidade: ela desaparece por trás do papel que precisa encarnar.

Num lugar onde "tudo é perfeito", ela não pode se dar ao luxo de deixar aparecer nenhuma rachadura.

É uma prisão elegante, mas mesmo assim uma prisão.

### *A mulher da universidade de elite – 34 anos*

New Haven abriga uma das universidades mais prestigiosas do planeta: Yale.

O ambiente acadêmico parece progressista, moderno e atento. Mas sob a superfície há rigidez, competição feroz e expectativas altíssimas.

A pesquisadora vive um paradoxo: – é culta – é competente – é preparada – é central na produção cultural.

mas também é esmagada pelo sistema.

Publicações, congressos, financiamentos, artigos, orientação, aulas, relações internas. Um esforço contínuo que invade a vida, a mente e o corpo.

As colegas muitas vezes são rivais. Os colegas homens ainda dominam as cátedras históricas.

A ausência dela é institucional: o conhecimento que ela produz sustenta a universidade, mas a carreira dela avança mais devagar, mais incerta, mais suspensa.

Muitas resistem. Muitas vão embora.

Yale continua perfeita. Elas não.

A mulher dos bairros mistos – 31

***anos***

Fora dos subúrbios ricos e longe das universidades de elite está o Connecticut real: salários baixos, aluguéis altos, empregos precários, comunidades mistas e um sistema social que nem sempre funciona.

Aqui as mulheres são o pilar escondido: trabalham em supermercados, escolas públicas, casas de acolhimento, serviços de assistência, pequenos negócios e saúde básica. Seguram tudo: – emprego mal pago – filhos – família estendida – transporte público lento – estresse constante.

A ausência dela é econômica: trabalha muito, ganha pouco e não avança.

E vive dentro de um paradoxo gritante: mora num dos estados mais ricos da América sem se sentir parte da riqueza.

Porque a riqueza aqui é privada, não social.

## *Epílogo – Connecticut*

Connecticut parece “seguro”, “limpo”, “estável”. E de certa forma é.

Mas também é um dos lugares onde as mulheres desaparecem com mais facilidade, sem fazer barulho. Não por violência, não por fome, não por frio. Por expectativa social.

É uma ausência de superfície lisa: sem caos, sem gritos, sem estatísticas impressionantes. Só vidas esmagadas por exigências altas e recompensas baixas.

Ninguém percebe porque tudo funciona. E é exatamente isso que torna tudo perigoso.

## *Reflexão – Connecticut*

Em muitos estados, a ausência se nota. Aqui, ela é discreta. Educada. “Normal.” Connecticut mostra que uma mulher pode ter: uma casa, um emprego, uma renda, um bairro seguro, uma comunidade respeitável.

### ***e ao mesmo tempo ser completamente invisível como pessoa.***

A perfeição social é uma lâmina fina. Pede que você sorria enquanto tira o seu espaço.

Connecticut ensina que a ausência também pode nascer de ordem demais, de decoro demais, de controle demais.

E que nenhuma sociedade é realmente avançada enquanto não permitir que as mulheres estejam presentes sem precisar ser perfeitas.

## DELAWARE

Delaware é um estado escorregadio. Pequeno, tranquilo e fiscalmente apertado. Parece um pequeno detalhe, mas é uma peça vital do funcionamento da América.

Aqui não há metrópoles gigantescas, desertos, montanhas nem espelhos ofuscantes. Há uma economia escondida, uma política discreta, uma burocracia que move bilhões em silêncio.

Delaware é onde a América registra as suas empresas, guarda o seu dinheiro e acerta as suas contas. Um lugar no meio: nem rico demais, nem pobre demais, nem barulhento demais.

É uma zona cinzenta perfeita.

Em Delaware, a ausência feminina não explode. Evapora. Lenta, constante, invisível nos números e no discurso público. Aqui as mulheres desaparecem por sobrecarga silenciosa, por trabalhos pequenos demais para serem levados em conta, por papéis que nunca entram na narrativa nacional.

### *A funcionária corporativa – 38 anos*

Delaware é a sede legal de mais de um milhão de empresas americanas. Arquiva documentos societários, fusões, trusts, mudanças de controle, documentos fiscais e transações que valem bilhões.

O mundo acha que esse trabalho é feito por grandes executivos. É feito por mulheres sentadas em baias sem janelas, administrando fluxos intermináveis de documentos.

Ela trabalha num escritório ordenado, cheio de regras, procedimentos e controles. Quase nunca erra, porque um erro pode custar milhões. É rápida, precisa e invisível.

O dia dela é feito de: formulários, assinaturas, protocolos, verificações, e-mails, checklists.

O trabalho dela sustenta um sistema econômico inteiro. Mas ninguém o vê. Ninguém o reconhece. Ninguém fala dele.

A ausência dela é estrutural: mantém de pé um império de papel sem nunca aparecer nas narrativas do poder.

### *A mulher do armazém e da logística – 33 anos*

Delaware não é só burocracia. É também porto, transporte de cargas, armazenagem e cadeias de abastecimento.

A mulher aqui trabalha em: – armazéns frigoríficos– centros de triagem– galpões industriais– empresas de alimentos– coordenação noturna. Turnos pesados, ritmo acelerado, costas curvadas, ar gelado. Movimentos repetitivos, risco de lesões, supervisão constante.

O salário dela é baixo. O contrato, muitas vezes precário. A vida dela não tem margem.

A ausência dela é econômica: trabalha duro, ganha pouco e nunca cresce.

É a mulher que segura a parte escondida do comércio enquanto o mundo só olha para as grandes cidades.

### *A mulher da atenção primária à saúde – 47 anos*

Delaware não tem um sistema de saúde gigantesco. Tem uma rede de atenção primária mínima e extremamente frágil.

A mulher aqui sustenta: – casas de repouso– pequenos consultórios médicos– clínicas comunitárias– atendimento

domiciliar– apoio a idosos sozinhos– pacientes crônicos esquecidos.

O trabalho dela é emocional, físico e contínuo. Ela vê mais sofrimento do que consegue suportar. Faz horas extras sem reconhecimento. Ganha menos do que merece.

A ausência dela é social: substitui o Estado onde o Estado não consegue chegar, mas ninguém a considera parte essencial do sistema.

Quando ela falta, tudo desmorona. Mas quando ela trabalha, ninguém percebe.

A mulher do bairro de baixa renda – 29

***anos***

Delaware também tem as suas partes frágeis: bairros marcados pela pobreza, pela violência doméstica, pelas drogas e pelo abandono. As mulheres aqui enfrentam três problemas ao mesmo tempo: empregos precários, custo de vida em alta e pouca proteção social.

Ela trabalha como caixa, faxineira, trabalhadora sazonal, babá e ajudante de cozinha. Lava, limpa, cuida e arruma a casa dos outros.

O dia dela é uma correria: filhos, ônibus, turnos, compras, casa, problemas.

A ausência dela é urbana: vive numa cidade que fala de renascimento, mas deixa para trás justamente as mulheres que a mantêm de pé nos piores momentos.

## *Epílogo – Delaware*

Delaware não tem o drama da Califórnia, o frio cortante do Alaska nem a dureza do Sul.

Há algo diferente nele: a normalidade como forma de invisibilidade.

Aqui, o trabalho das mulheres não faz barulho porque é: – técnico – repetitivo – essencial – silencioso – pouco narrável.

Nunca há uma explosão. Há um desgaste constante.

As mulheres não viram manchete. Não protestam em massa. Não exigem espaço. Simplesmente aguentam.

E é exatamente isso que as torna invisíveis.

## *Reflexão – Delaware*

Delaware demonstra que a ausência feminina pode assumir uma forma ainda mais insidiosa: a gestão perfeita do silêncio. Aqui as mulheres são a força motriz da: – burocracia – coordenação – saúde básica – serviços mínimos. e, no entanto, nunca aparecem nas histórias da América. A ausência não é barulho. É pano de fundo. E Delaware é a prova disso: um lugar por onde o país sempre passa, mas onde a mulher fica sempre parada.

*Ferdinando Frega*